



Universidade de Brasília – UNB
Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL
Curso de Letras Português- Licenciatura
Trabalho de Conclusão de Curso

Wanessa Santos da Cruz

A palavra e as instâncias de poder em *Vidas Secas*

BRASÍLIA

2018

Wanessa Santos da Cruz

A palavra e as instâncias de poder em *Vidas Secas*

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Português e Respectiva Literatura da
Universidade de Brasília como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.
Orientadora: Dra. Patrícia Trindade Nakagome

BRASÍLIA

2018

Agradecimentos:

São tempos difíceis para os sonhadores. Para começar, o meu muito obrigada ao meu companheiro, amigo e irmão Léo, que sempre esteve ao meu lado e me apoiou em todas as decisões e momentos da minha vida. A Deus, por me fortalecer após enfrentar grandes e importantes rupturas. O meu agradecimento à Universidade de Brasília - UnB - pelos cinco anos mais felizes da minha vida. Eu sabia que ia valer a pena! O meu reconhecimento e respeito aos professores: Thiago Chacon, Dionei Moreira Gomes, Marcus Lunguinho, Deane Costa e João Vianney: o meu carinho e gratidão pela aprendizagem. O meu carinho aos colegas: Letícia de Castro e Lucas Tomaz, que dedicaram parte do tempo deles para suprir minhas dificuldades sintáticas, fonéticas e fonológicas. Galera, sem vocês eu nunca teria sido aprovada nas matérias de Linguística. Valeu! O meu agradecimento aos servidores do Instituto de Letras que sempre resolveram meus problemas: ao Armando, em especial. O meu muito obrigada à Letícia Sallorenzo, colega de Estágio 2. Sem ela, esse trabalho não teria a devida conexão discurso - literatura. O meu muito obrigada à Patrícia Nakagome, minha orientadora, pela paciência na realização desse trabalho.

O meu muito obrigada ao ex e sempre presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Gratidão em nome de todos aqueles que tiveram suas vidas modificadas graças aos programas sociais criados e desenvolvidos em seu governo. O meu agradecimento ao Lula e à presidenta Dilma, por permitirem um país mais justo e igualitário, em que mulheres, homens, crianças, jovens, negros, em suma, todos tivessem direitos reconhecidos e respeitados em um plano de governo que tinha como objetivos: o combate à fome, à miséria e o analfabetismo. Problemas que assolaram o país durante anos. Esta pesquisa é dedicada a todos os lulas e fabianos que, assim como o ex-presidente e o herói de Vidas Secas, foram vítimas das chamadas elites simbólicas. A palavra para hoje é: resistência. Obrigada a todos e todas pelos melhores momentos da minha vida. Gratidão.

“Deve - se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa; a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”.

Graciliano Ramos, Vidas Secas

Resumo: Há uma crença popular que diz que “as palavras têm poder”. A redação dessa pesquisa foi pensada após a tentativa de fugir das leituras feitas no tempo da educação básica e que normalmente se esbarram no senso comum. Essas leituras geralmente resumem *Vidas Secas* como uma narrativa que conta a história de uma família de retirantes fugitiva da seca. Uma releitura da obra revela que *Vidas Secas*, mesmo escrito e publicado há mais de 80 anos, é um romance que permanece atual. O romance desmontável de Graciliano Ramos é um livro que, além de narrar as misérias sofridas pela família de retirantes em busca da sobrevivência, testemunha sobre a história política e social brasileira, que denuncia e critica as injustiças e abusos das elites simbólicas do país. O presente trabalho relaciona as práticas abusivas cometidas pelas instâncias de poder presentes em *Vidas Secas* com a palavra semanticamente relacionada a discurso, ou seja, como o discurso usado pela classe dominante pode ser instrumento de opressão e violência contra grupos dominados. Diante do retrocesso político e social que estamos mais uma vez vivenciando, é importante revisitar essa importante obra de Graciliano Ramos.

Palavras – chave: Graciliano Ramos. Vidas Secas. Palavra. Poder.

1 NOTA INTRODUTÓRIA

O escritor, jornalista e político alagoano Graciliano Ramos, (Quebrândulo, AL, 1892; Rio de Janeiro - RJ, 1953) buscou, por meio da literatura, retratar e denunciar as opressões e os sofrimentos do povo brasileiro. Bastos lembra que a literatura para o “Mestre - Graça”, “não é fim em si mesma, nem se pode dizer que seja meio ou instrumento. Ela é, tudo indica, um método, o da verossimilhança, método de conhecimento da realidade” (1998, p. 15). Para Bastos, Graciliano produzia uma literatura na perspectiva dos vencidos e oprimidos. Embora tenha sido um escritor que testemunha sobre a história nordestina brasileira universal, a literatura feita por Graciliano Ramos questiona e representa o mundo, ela não fica restrita apenas aos problemas do Nordeste brasileiro como os outros escritores chamados geração dos 30 costumavam escrever (BOSI, 1982, p. 340).

O Brasil dos anos 1930 vivia momentos conturbados na política, tanto no país quanto no mundo. Na época, os proprietários rurais de São Paulo e Minas Gerais formavam a chamada “República do café com leite”, uma das fases da República Velha (1894-1930). Essa aliança era responsável por manter relações de interesse que envolviam decisões econômicas e políticas do país e visava manter a solidez e o equilíbrio entre a produção e as exportações de café. Bosi (1982, p. 340-342) lembra da transformação ocorrida na sociedade brasileira no fim do século XIX graças aos processos de urbanização e à vinda de imigrantes europeus para o centro-sul.

A República Velha (1894 – 1930), o Estado Novo (1937 – 1945) e a II Guerra despertaram e influenciaram a criação artística dos escritores do período. Segundo Bosi, foram produzidas nesse período obras-primas como *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, *Poesia Liberdade*, de Murilo Mendes, e todos os romances de Graciliano Ramos. A história política, rural, urbana, econômica e social do país está narrada e retratada por Graciliano em seus livros. Em sua literatura, ele descreve o homem e o mundo, o homem e a sociedade de seu tempo. Deve-se destacar que o jornalista não pretendia “copiar” os fatos da realidade da época. O que ele fez foi produzir uma obra literária que criticava as injustiças e as mazelas da sociedade conservadora de então. O autor de *Vidas Secas* é dono de uma vasta criação literária que começa com livros de ficção e termina na autobiografia. Em todas as obras, a consciência de classe se faz presente.

Vidas Secas (RAMOS, 1986 [1938]) descreve a vida de uma família nordestina de retirantes “fugitiva da seca”. O grupo é composto por Fabiano, sua companheira Sinhá Vitória, os dois filhos do casal que não possuem nomes e Baleia, a cachorrinha da família. O livro foi publicado em 1938, mas foi escrito um pouco antes. O “embrião” da obra foi o conto “Baleia” e depois vieram os demais, que dão continuidade à história que se iniciou graças a esse primeiro conto. É

importante ressaltar que *Vidas Secas* é um romance que parece conter histórias soltas – talvez por ele ser, na verdade, um “conjunto de contos” que podem ser lidos isoladamente.

Para Candido, *Vidas Secas* é uma obra que constitui o aparelho da opressão do pobre (2006, p. 86). A partir de ações simples, cruas e diretas, Graciliano buscou mostrar o universo opressivo em que Fabiano e sua família estavam inseridos, no qual o sofrimento e a dor humana são esmagados sob o ponto de vista materialista. Fabiano representa a imagem do homem sertanejo oprimido pelo meio em que vive, pela injustiça social e pelo sofrimento que é sobreviver em meio à fome e à miséria. Nos livros de Graciliano Ramos, é comum encontrarmos as figuras de meninos, homens, mulheres, pobres, miseráveis, inteligentes, cultos, em suma, personagens em geral pessimistas, que, segundo Candido, “obedecem a uma fatalidade cega e má” (2006, p.75).

De acordo com Alfredo Bosi, o realismo presente nos livros de Graciliano “não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O herói é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo” (1982, p. 454). O herói de *Vidas Secas*, Fabiano, é protagonista de um romance mudo como um filme de Carlitos, como define a ensaísta Luciana Miguel Pereira no ensaio *Ficção e Confissão* (CANDIDO, 2006, p. 146). *Vidas Secas* se difere das demais obras de Graciliano Ramos porque nele o escritor consegue “ressaltar a humanidade dos que estão nos níveis sociais e culturais mais humildes, mostrando a condição intangível e presente na criatura mais embrutecida” (CANDIDO, 2006, p. 146).

Esta monografia apoia-se, em especial, no livro *Memórias do Cárcere - literatura e testemunho* (BASTOS, 1998), escrito pelo professor de Teoria Literária e Literatura Comparada da UnB Hermenegildo Bastos, e pelo ensaio sobre as obras de Graciliano Ramos *Ficção e Confissão* (CANDIDO, 2006), escrito pelo saudoso crítico literário Antonio Candido. Trata-se de dois ensaios similares em que ambos os professores percorrem as principais obras de Graciliano. Bastos parte de *Memórias do Cárcere* para iniciar suas análises, enquanto Candido analisa livro por livro na ordem em que foram publicados.

Candido afirma que o *Mestre - Graça* é “um dos raros [autores] cuja alta qualidade parece crescer à medida que o relemos” (CANDIDO, 2006, p. 13). Segundo ele, *Vidas Secas* – para alguns a obra prima do autor – pertence a “um gênero intermediário entre romance e livro de contos” (CANDIDO, 2006, p. 63). Nele, Graciliano descreve “a vida esmagadora da pobre família de retirantes agregados”. Tanto Bastos (1998) quanto Candido (2006) analisam criticamente as principais obras do escritor alagoano e ainda discutem as relações de literatura e sociedade, assim como o próprio Graciliano Ramos fez em seus livros.

2 A PALAVRA E AS RELAÇÕES DE SUBORDINAÇÃO E PODER EM *VIDAS SECAS*

Em *Contas*, Sinha Vitória realiza as somas e diminuições quanto ao valor que o patrão deveria pagar a Fabiano. Entretanto, o valor recebido pelo sertanejo é inferior às operações feitas por ela:

Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiram das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: diferença era proveniente de juros. (RAMOS, 1986 [1938], p. 93).

O “branco” então justifica-se dizendo que a diferença é “proveniente de juros”. Fabiano revolta-se, não se conforma, pensa ser engano. “Com certeza havia um erro nas contas do branco”. Mas mesmo sendo roubado pelo atual patrão, desculpava-se e aceitava os “os juros” inventados pela autoridade com medo de perder o emprego.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto (...) Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar alforria! (RAMOS, 1986 [1938], p. 93)

Clarissa Loyola Comin (2016, p. 101) diz que as relações entre Fabiano e o atual patrão não se dão de maneira pacífica. Segundo a autora, o poder em ação advém da relação trabalhista arbitrária estabelecida entre ambos. O conflito instaura-se por falta de comunicação: Fabiano que não compreende de palavras e números é trapaceado pelo patrão por conta da sua ignorância. O atual chefe de Fabiano, ao contrário de Seu Tomás, era abusivo, explorador, seco como a caatinga vermelha dos descampados que os viventes costumavam deixar para trás a cada fuga.

A relação de proximidade e distância entre Fabiano, Seu Tomás da Bolandeira e o atual chefe diz respeito aos lugares de poder que cada um ocupa na sociedade. Fabiano, um traste da fazenda, é um iletrado que apresenta dificuldades com o emprego e uso das palavras, faladas e escritas. Em alguns momentos, considera-se um animal miserável capaz de se comunicar com os bichos da fazenda. O antigo patrão, Seu Tomás da Bolandeira, é uma figura de respeito e poder aos olhos do casal de retirantes. Tanto pela cama de varas que a companheira do vaqueiro sonhava em ter igual à do patrão, que representa o conforto que os retirantes não podem ter nas condições miseráveis em que viviam, ou pelo hábito que Seu Tomás tinha de falar bem e estragar

os olhos em cima de jornais e livros; ou ainda, pelo direito ao voto. Além disso, Seu Tomás da Bolandeira não dava ordens, ele pedia.

Em outras palavras, as semelhanças e diferenças entre Fabiano, Seu Tomás e o atual chefe envolvem as relações econômicas versus o domínio linguístico. Seu Tomás não desfruta do mesmo prestígio que o atual patrão de Fabiano, porque o tipo de conhecimento (poder) intelectualizado que ele domina não é passível de instrumentalização rentável (COMIN, 2016, p. 96). Há semelhanças entre o atual patrão de Fabiano e o retirante: ambos são descritos como brutos. Porém, o critério que os afasta é o critério econômico. O atual chefe de Fabiano era um homem bruto, mas rico. E Fabiano, o que era? Já Seu Tomás da Bolandeira, embora fosse um sujeito bom, honesto, culto e respeitado, teve fim parecido com o de muitas famílias de retirantes fugitivas da seca.

O soldado amarelo em *Vidas Secas* é a metáfora que simboliza o poder e a dominação da instituição Estado. Na narrativa, o Estado é representado por uma figura de autoridade que deveria proteger o povo contra injustiças e abusos, porém o cabo acaba por oprimir, injustiçar e humilhar homens marginalizados iguais a Fabiano.

O discurso feito pelo soldado amarelo no momento da prisão de Fabiano é o discurso ideológico de um grupo privilegiado e poderoso da sociedade. Nessas instâncias de poder estão grupos da elite, da política, da justiça e da ordem que Fabiano apenas obedece, acata e respeita, porque estão em níveis e relações de poder superiores com a realidade miserável na qual o sertanejo vivia. De acordo com van Dijk,

Quanto menos poderosa for uma pessoa, menor acesso às várias formas de escrita e fala. No fim das contas, os sem-poder “não têm nada para dizer”, literalmente, não têm com quem falar ou precisam ficar em silêncio quando pessoas mais poderosas falam, como no caso das crianças, dos prisioneiros, dos réus e (em algumas culturas, incluindo algumas vezes a nossa) das mulheres. (VAN DIJK, 2012, p. 44)

No capítulo “*Cadeia*”, Fabiano vai até a feira da cidade a pedido de Sinhá Vitória para comprar mantimentos. No trajeto, o sertanejo, com calor, decide passar no bar de Seu Inácio para beber uma pinga. Pouco tempo depois, Fabiano é abordado por um soldado amarelo que o chama para jogar um “trinta e um”. O cabo, ao contrário de Fabiano, “era um homem e, coisa mais grave, uma autoridade”. Fabiano sabia que, assim como o antigo patrão Seu Tomás e o atual amo, a figura do polícia representa respeito, e, por isso, obedece e caminha atrás do amarelo. Contra a sua vontade, Fabiano cumpre as ordens dadas pelo Soldado e participa do jogo (durante a partida, os parceiros “roubam” parte dos mantimentos que Sinhá Vitória havia pedido a Fabiano). O infeliz, tonto de aguardente, entretido com o jogo, esquecerá o querosene e os

pedaços de facheiro úteis para não deixar Sinha Vitória, os dois meninos e a cachorra Baleia na escuridão durante a semana.

No episódio, o cabo empurra o sertanejo e pisa nos pés do matuto, a fim de provocá-lo: “Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos”, diz Fabiano ao Soldado. O Soldado, por sua vez, continua a desafiar Fabiano:

A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reina em cima da alpercata do vaqueiro.
- Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente. diz o retirante. (RAMOS, 1986 [1938])

O matuto, após os empurrões e provocações, perde a paciência e xinga a mãe do amarelo. A autoridade, então, dá ordem de prisão a Fabiano e o leva à cadeia: “Toca pra frente, berrou o cabo”. O retirante caminha desorientado para a cadeia “sem compreender uma acusação e não se defender”. Naquela noite, Fabiano apanha após chegar ao cárcere: “Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida, abriram uma porta, deram lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere”.

No momento da prisão de Fabiano, o sertanejo além de ser um homem oprimido pela seca, pela fome e pela miséria, é também oprimido pelas humilhações que os homens do campo sofrem ao chegar à cidade. Quando preso, o sertanejo enfrenta outros tipos de problemas que os homens excluídos e marginalizados costumam sofrer com grupos dominadores, como o abuso de poder por instâncias de autoridade e a violência via linguagem.

Van Dijk define poder como uma propriedade das relações entre grupos, instituições ou organizações sociais. Já *poder social* é definido em termos do controle exercido por um grupo ou organização (ou seus integrantes) sobre as ações e/ou mentes de membros de um outro grupo, limitando dessa forma a liberdade de ação dos outros ou influenciando seus conhecimentos, atitudes ou ideologias (VAN DIJK, 2012, p. 87-88). A palavra *dominância* refere-se à forma de *abuso de poder social*, isto é, como o exercício moral e legalmente ilegítimo de controle sobre outros em benefício ou interesse próprio de alguns, frequentemente resultando em desigualdade social.

Em outras palavras, o herói de *Vidas Secas* faz parte de um grupo social subordinado e excluído da sociedade. Fabiano e o soldado amarelo são partes de estruturas sociais diferentes. O primeiro é um homem que foge do campo para a cidade com a sua família em busca de dias melhores, ao passo que o policial usa do poder social que o Estado lhe empresta para tirar vantagens e benefícios próprios.

Sabemos que a fala e a escrita são mecanismos que legitimam o homem enquanto homem. O Estado, segundo Clarissa Loyola Comin (2016, p. 99), requer que os sujeitos estejam

conscientes – a partir do domínio da escrita (...). Mas na vivência de Fabiano havia apenas as palavras da reza, o reconhecimento da oração forte, quando cura no rastro à bicheira novilha; as poucas palavras do seu dia a dia com Sinha Vitória e os dois meninos; as palavras que perguntam e ficam sem resposta com as que Fabiano pronunciava com o pai e como pronunciava com os meninos (VILLAÇA, 2007, p. 241). Fabiano era um homem iletrado e, por isso, não compreendia nem mesmo as palavras ditas pelo povo da cidade. O protagonista de *Vidas Secas*, quando preso, tenta fazer uso das palavras para se defender – mas não consegue porque não as compreende. Quando tenta argumentar com o patrão sobre os números errados inventados pela autoridade para roubá-lo, mesmo tendo consciência dos seus direitos, se reduz por conta “das estruturas de poder que não estão a seu serviço, mas antes contra si” (COMIN, 2016, p. 96).

O abuso de poder e a violência a partir da linguagem nos episódios “*contas e cadeia*” representam a dominação e o lugar de enunciação de poder das chamadas elites simbólicas. No livro, “a palavra do soldado amarelo está acima da de Fabiano porque aparece embutida em um uniforme policial. Caso Fabiano dominasse a escrita e a boa oratória, ele teria meios de contornar certas situações: como ser trapaceado pelo patrão e humilhado pelo soldado amarelo”. (COMIN, 2016, p. 16). As palavras que deveriam esclarecer mal-entendidos e conduzir e desenvolver ideias acabam por tornarem instrumento de poder e controle pela instituição que deveria proteger a sociedade contra abusos, mas ao contrário, são eles os agentes responsáveis por humilhar, desrespeitar e diminuir homens vencidos e oprimidos como o retirante de *Vidas Secas*.

À companheira de Fabiano, Sinha Vitória, cabe a responsabilidade pelos arranjos da casa, pela educação dos meninos e por realizar as operações, os cálculos sobre a quantia que o patrão deveria pagar a Fabiano pelos serviços prestados na fazenda. A ideia de atribuir determinada função a Sinha Vitória parte do próprio sertanejo, ao afirmar que “a mulher tinha miolo”. (RAMOS, 1986 [1938], p. 93) Em outras palavras, a mulher, por ter mais domínios com números, ao contrário de Fabiano, que costumava ser trapaceado pelo amo por não ter sido ensinado, dificultaria possíveis roubos por parte do patrão.

O objeto de desejo de Sinha Vitória era uma cama de rastro de couro igual ao do antigo patrão, Seu Tomás da Bolandeira. Da mesma maneira que Fabiano, Sinha Vitória também tinha consciência dos problemas que a família enfrentava e, apesar do casal ser quase feliz, a mulher se revoltava com a situação dramática que a família vivia: “Tinha de passar a vida inteira dormindo em varas?” A mãe dos meninos já falava há algum tempo sobre o desejo ao marido. Os dois calculavam gastos e pensavam em economizar na roupa e no querosene. Contudo, os filhos andavam nus e todos recolhiam-se ao anoitecer. Por mais que trabalhassem e poupassem, a vida pobre que a família vivia não permitia tamanho “luxo”. Sinha Vitória, em momentos de cólera,

utilizava da pouca oratória para descontar no marido, filhos e em Baleia as frustrações por não poder ter seu objeto de desejo: “Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de rastro de couro, como outras pessoas” (RAMOS, 1986 [1938], p. 40).

Segundo Comin, “o esquema de dominação do mundo exterior também se articula no âmbito familiar. O sonho dela (Sinha Vitória) não se encerra no simples objeto da cama, mas em tudo que esta representa para a sociedade ocidental” (2016, p. 96). Em outras palavras, sabemos que uma cama é um móvel que configura leito, lugar onde as pessoas costumam descansar, repousar. A cama de rastro de couro, sonho de Sinha Vitória, simbolizaria, portanto, o conforto que a rústica família de retirantes não tinha condições de adquirir por mais que trabalhasse. Assim, a cama legitimaria Sinha Vitória e Fabiano como homens em uma esfera de civilização. Os sertanejos fazem parte de uma estrutura social marginalizada, excluída e esquecida pela sociedade ocidental. Direitos são retirados das minorias e, dessa forma, o privilégio, a dignidade, o poder de dormir em uma cama e ter o mínimo de conforto como as outras pessoas fica ainda mais distante da realidade de grupos dominados como esse de que a família de retirantes faz parte.

O menino mais novo falava pouco e repetia os gestos e comportamentos do pai. Era Fabiano a sua referência: “O pai, metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda peito, era a criatura mais importante do mundo” (RAMOS, 1986 [1938], p. 47). O menino, então, tem o desejo de realizar qualquer ação que chamasse a atenção do irmão e da cachorra Baleia. Dessa forma, uma ideia surge na tarde em que Fabiano sobe no lombo da égua alazã, entra e amansa o bicho: o desejo era tornar-se vaqueiro igual ao pai. O menino, mesmo sentindo necessidade de comunicar ao irmão o que pretendia fazer, teme as chacotas, deboches e a denúncia do irmão e talvez uma punição da mãe. Contudo, quando pôde, aventurou-se e tentou fazer proeza semelhante à do pai. Porém, sem sucesso, pois o animal atirou o pequeno longe:

foi atirado para frente, voltou, achou-se montado na garupa do animal, que soltava demais e provavelmente se distancia do bebedouro. Inclinou-se para um lado, mas fortemente sacudido, retomou a posição vertical, entrou a dançar desengonçado, as pernas abertas, os braços inúteis. Outra vez, impelido para a frente deu um salto mortal, passou por cima da cabeça do bode, aumentou o rasgão da camisa numa das pontas e estirou-se na areia (RAMOS, 1986 [1938], p. 51).

Ao contrário do que esperava, após a queda, o pequeno acaba com as juntas doídas e ossos deslocados. O irmão mais velho ignora a dor da criança e “ria como um doido”. Naquele momento, a humilhação pela situação vexatória fez com que o menino mais novo, que se comunicava apenas com poucas palavras, refletisse sobre o futuro: quando crescesse e ficasse tão grande quanto Fabiano, teria o poder de matar cabras a mão de Pilão, trazer uma faca de ponta a

cintura, andaria no pátio e teria chapéu de couro como o pai e calçaria sapatos de couro cru. (RAMOS, 1986 [1938], p. 52)

A palavra que é negada ao menino mais novo, provavelmente pela pouca idade, é reproduzida através dos gestos e pela forma como este se comporta diante das pessoas mais próximas, como a admiração pelo pai e o desejo de chamar atenção do irmão mais velho e da cachorra Baleia. Para o irmão menor, o exercício de poder será legitimado quando ele crescer, momento no qual terá acesso a tudo que lhe era proibido quando criança.

O menino mais velho tinha o vocabulário quase tão minguaado como o papagaio que morrerá no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos (RAMOS, 1986 [1938], p. 56). O pequeno que não sabia falar direito balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na caatinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de Sinha Terta. Já transmiti-la ao irmão e a cachorra. (...) o irmão se admiraria invejoso: *inferno, inferno* (RAMOS, 1986 [1938], p. 60).

O menino mais velho, estranhando a linguagem de Sinha Terta (que na véspera, depois de curar com reza a espinhela de Fabiano, soltou uma palavra esquisita, chiando), nunca tinha ouvido falar na palavra *inferno*. O menino então vai interrogar a mãe e o pai quanto ao significado da palavra. A mãe, a princípio, aludiu apenas a um lugar ruim demais. O pequeno, curioso para saber mais informações sobre a palavra *inferno* vai à sala interrogar o pai, mas não obtém resposta. Novamente, o menino mais velho procura a mãe e a cobra explicações a respeito da tal palavra: “Como é?” A explicação dada pela mãe se resume apenas que no *inferno* haveria “espertos quentes e fogueiras”. Contudo, com tantas perguntas insolentes do filho, Sinhá Vitória zanga-se e aplica um cocorote no menino como forma de punição. Indignado com a injustiça, o menino mais velho sai na companhia de Baleia, atravessa o terreiro, esconde-se debaixo das catingueiras murchas, à beira da lagoa vazia. O menino que esteve metido no barreiro com o irmão, fazendo bichos de barro, deixou o brinquedo para sem sucesso interrogar a mãe.

Segundo Comin,

(...) curioso para entender o que era a palavra *inferno*, o menino não se conteve da explicação dada e insiste perguntando se a mãe já tinha ido ao lugar. Para ele, o relato só poderia fazer sentido se comprovado pelos próprios olhos e também inquietava – lhe que um nome bonito significasse um lugar ruim. Como castigo pela insolência, recebe uns cascudos. (COMIN, 2016, p. 97)

Dessa forma, o exercício de poder representado por Sinha Vitória como mãe e autoridade oferece a ela direito de punir o filho quanto às desobediências cometidas por ele. A figura da mãe impunha autoridade visível e poderosa e, por isso, o menino respeitava o poder exercido pela

figura adulta. De acordo com Comin (2016, p. 97), “a violência física é entrevista como mero argumento de autoridade que visa suprimir a curiosidade importuna do menino”. Assim, o poder exercido pela figura materna está acima de qualquer questionamento oportuno feito por instâncias inferiores de poder, como no caso do filho mais velho de Sinha Vitória e Fabiano.

Em “*O mundo coberto de penas*”, o narrador (ou talvez o próprio Graciliano) conduz o discurso da narrativa da personagem, que, de modo pessoal, é a figura mais importante para contar a história dos retirantes. É a companheira do vaqueiro a responsável por perceber os primeiros sinais que indicavam que o “sertão ia pegar fogo”. Os retirantes, no silêncio do dia quente e seco, só ouviam o rumor da vinda dos urubus que, em bandos, davam os primeiros indícios da aproximação da seca. Sinha Vitória havia dito a Fabiano sobre a suspeita da chegada das desgraças, mas o vaqueiro, descrente, se opõe à mulher e não dá credibilidade às ideias dela. Mas, logo após perceber que “as arriboções bebiam a água e matavam o gado”, Fabiano teve consciência das palavras ditas por Sinha Vitória e percebeu o que “ela queria dizer”. A companheira de Fabiano (como já mencionado nesse estudo), “tem ideias e miolos”. Cabe a ela a tarefa de cuidar das situações mais difíceis que envolvem a família, como cuidar da casa, cuidar dos filhos e da educação deles. É ela que, na cozinha, consulta montes de sementes de várias espécies correspondentes a mil réis, tostões e vinténs, para assim somar o valor que Fabiano deverá receber do patrão. Era Vitória que imaginava uma vida mais confortável ao sonhar em dormir em uma cama de rastro de couros como outras pessoas, e levava o baú de folha na cabeça e o filho mais novo escanchado no quarto em cada mudança e fuga da família de retirantes – agregados – retirantes.

Em “*O mundo coberto de penas*”, outra vez, as palavras que não estão presentes no vocabulário escasso de Fabiano aparecem no matutar do vaqueiro, como no momento em que ele deseja ver de perto as arriboções que matavam o gado. Naquele momento, o sertanejo levanta-se, bota o aió a tiracolo, busca o chapéu de couro e a espingarda e atravessa o pátio (RAMOS, 1986 [1938], p. 109). Essa sequência de fatos faz Fabiano rememorar algumas infelicidades da sua vida, como a perda da cachorra Baleia e os abusos cometidos pelo patrão e pelo soldado amarelo. A leitura dessa passagem do livro permite notar que o conflito que Fabiano teve com o cabo talvez tenha sido uma das maiores cóleras que tivera. Após o fato, o vaqueiro sentiu vontade entrar para o cangaço. Seria uma forma de vingar-se dos soldados amarelos que utilizam do exercício de poder e da autoridade oferecidos pelo governo para praticar injustiças contra minorias. Fabiano, porém, pensa na família e “retoma as ideias”. As ideias, para Fabiano, são as palavras pensadas e nunca gesticuladas de forma correta. Elas ficam coesas apenas nos pensamentos do sertanejo. Como quando ele tem lembranças de Baleia, ao

pensar sobre o valor dos juros das contas do patrão, ao orgulhar-se da companheira, ao imaginar um troco ao soldado amarelo ou fugir das desgraças que estão por chegar.

A literatura feita por Graciliano Ramos não se concentra em si mesma, como afirmado ainda nas primeiras linhas dessa pesquisa. Os livros escritos pelo autor de *Vidas Secas*, segundo Candido (2012, p. 81), têm a função humanizadora da literatura. Ou seja, a produção literária de Ramos tem a capacidade de confirmar a humanidade ao homem. A ideia de *função*, de acordo com Candido,

inclina-se para o lado do valor, para o lado da pessoa, no caso o escritor (que produz a obra) e o leitor, coletivamente o público (que recebe o seu impacto). De fato, quando falamos em *função* no domínio da literatura, pensamos imediatamente como um todo; em *função* de uma determinada obra; em função do autor, tudo referido aos receptores” (CANDIDO, 2012, p. 82).

Em outras palavras, a *função social* dos livros do escritor alagoano é expor os valores e os problemas individuais e coletivos da sociedade. Além disso, Graciliano aproveita-se da função ideológica, integradora, criadora e transformadora de que dispõe a literatura para registrar em seus livros narrativas que denunciavam as misérias, as desigualdades e opressões cometidas pelo fascismo tupiniquim nos anos 1930. A literatura, para Candido, também exerce a função educativa e reflexiva, pois “humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2012, p. 85).

De acordo com Bosi (1982, p. 453), Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor. O autor de *Vidas Secas* tinha consciência da realidade histórica social atrasada do país. Suas obras, portanto, registram um “Nordeste decadente, as agruras das classes médias no começo da fase urbanizada e os conflitos da classe burguesa” (BOSI, 1982, p. 435). Além disso, Graciliano compunha seus livros sob “um espírito pronto à indagação, à fratura, ao problema. Em suas narrativas encontramos a vivência sofrida e lúcida das tensões que compõem as estruturas materiais e morais do grupo em que vive” (BOSI, 1982, p. 432).

No romance *Vidas Secas*, livro analisado nessa pesquisa, é supérfluo delimitarmos como enredo apenas a “história de uma família de retirantes que vive em pleno agreste os sofrimentos da estiagem” (BOSI, 1982, p. 456). O romance desmontável de Graciliano Ramos é diferente dos outros escritos na época porque traz um enredo com um realismo bruto. O autor se vale de uma linguagem concisa e objetiva e uma sintaxe clássica para contar as infelicidades de uma família na qual um homem, uma mulher, seus filhos e o animal de estimação são vítimas da seca e da opressão por instâncias de poder dos que podem mandar: “*o dono e o soldado amarelo*” (BOSI, 1982, p. 456). Candido (2006) analisa o valor de Graciliano Ramos e de seu trabalho como romancista:

Graciliano conseguiu ressaltar a humanidade dos que estão em níveis sociais e culturais mais humildes, mostrando a condição intangível e presente na criatura mais embrutecida. Saber descobrir essa riqueza, pôr a nu esse filão, é afinal a grande tarefa do romancista. (CANDIDO, 2006, p. 146)

O professor Hermenegildo Bastos (1998) diz que Graciliano Ramos conhecia aquilo que desejava escrever. Para Graciliano, a literatura era uma atividade vital capaz de revelar o mundo e a realidade humana, e dessa forma dar sentido àquele que escreve. Em outras palavras, embora fizesse parte de uma classe privilegiada da sociedade, Graciliano Ramos sempre se colocava no lugar dos vencidos: “ele não era Luiz da Silva ou Fabiano, mas esses eram pedaços dele” (BASTOS, 1998, p. 48). Segundo o professor da UnB, a literatura de Graciliano Ramos é uma busca de entendimentos e crítica ou, ainda, uma tentativa de dar sentido a uma realidade não rara desprovida de nexos (BASTOS, 1998, p. 22). Concordando com Antonio Candido, Bastos diz que, para o autor de *Vidas Secas*, a literatura é vida:

Vida no sentido filosófico. Na perspectiva de que, como seres humanos, realizamos na esfera da existência cotidiana, e constitui o conjunto de valores, ideias, concepções, sem o qual não haveria vida humana. Vida, como aparece no binômio literatura / vida, é a reelaboração, elaboração de segundo nível. Já no sentido primeiro deve ser entendida como “mundo da vida”. Os fatos da vida já são vivências e interpretações. (...) os fatos da literatura são vivências e interpretações (BASTOS, 1998, p. 34).

O professor ainda conceitua a ideia de literatura – vida, na perspectiva dialética de Bakhtin, para quem a obra literária reflete o contexto ideológico já existente, ou seja, a literatura como forma de produção ideológica, é já uma reelaboração da vida cotidiana (BASTOS, 1998, p. 34). Dessa forma, as ideias apresentadas tanto por Bastos como por Candido esclarecem que a arte literária produzida por Graciliano Ramos conservou sempre o ar de experiência vivida, da denúncia e do testemunho. “A experiência é condição para a escrita do escritor”. Em uma carta escrita e enviada ao crítico Antonio Candido e registrada no ensaio *Ficção e Confissão*, Graciliano Ramos diz “[...] nunca tive semelhança com Dostoiévski nem com outros gigantes. O que sou é uma espécie de Fabiano, e seria Fabiano completo se a seca houvesse destruído a minha gente” (CANDIDO, 2006, p. 10).

Graciliano Ramos compunha obras com temas rústicos em uma linguagem inculta cheia de peculiaridades locais; segundo Candido (2012), “o Regionalismo estabelecia uma relação adequada entre os dois aspectos, e por isso se tornou poderoso instrumento de transformação da língua e de revelação e autoconsciência do país”. Autoconsciência essa que foi capaz de produzir uma grande narrativa composta na terceira pessoa em um discurso indireto. De acordo com Candido, o recurso escolhido para contar as infelicidades da família de retirantes de *Vidas Secas* seria para:

encastelar uma terceira pessoa alheia ao mundo ficcional, que hipertrofia o ângulo do narrador culto, atenua ao máximo o hiato entre criador e criatura, dissolvendo de certo modo o homem culto no homem rústico. Ele deixa de ser um ente separado e estranho, que o homem culto contempla, para tornar-se um homem realmente humano, cujo contato humaniza o leitor” (CANDIDO, 2012, p. 89).

Em outras palavras, a ideia de usar o discurso indireto para escrever o romance talvez tenha sido uma estratégia para aproximar leitor e obra e também para dar mais realismo à obra ficcional *Vidas Secas*. Segundo Alfredo Bosi (1982, p. 456), o emprego da terceira pessoa gramatical no romance seria para apresentar a desagregação a que o meio arrasta os destinos inúteis de Fabiano, Sinha Vitória, Baleia e os dois meninos.

Vidas Secas, primeiro romance escrito em terceira pessoa por Graciliano Ramos, foi pensado e redigido de forma tão genial que o escritor foi capaz de captar a mudez de um personagem que é impossibilitado de narrar a própria história. (BASTOS, 1998, p. 47). Segundo o professor Hermenegildo Bastos,

A violência presente nos personagens, no meio físico e social, nos padrões de relacionamento humano, assim como na impiedade com que o narrador se analisa, diseca-se e expõe-se, essa mesma violência atinge a linguagem/ literatura como possibilidade humana. A literatura – vida, não podendo realizar-se plenamente, realiza-se como autoquestionamento. Seus recursos são sempre insuficientes para aprender a realidade em toda a crueza” (BASTOS, 1998, p. 51).

Em outras palavras, a ausência da fala e da escrita ao personagem Fabiano em *Vidas Secas* (...) “é uma forma ainda mais violenta de agressão”. Bastos sustenta essa ideia explicando que, para Graciliano,

linguagem e humanidade estão indissolavelmente ligadas (...) Para Marx, a linguagem é tão velha quanto a consciência, a linguagem é a consciência real e não aparece senão com a necessidade de comércio que os homens mantêm entre si, tornando – os seres sociais, em outras palavras, humanos” (BASTOS, 1998, p. 50).

Já Antonio Candido entende que, ao empregar a terceira pessoa na narrativa de *Vidas Secas*,

Graciliano Ramos usou um discurso especial, que não é monólogo interior e não é também intromissão narrativa por meio de um discurso indireto simples. Ele trabalhou como uma espécie de procurador do personagem, que está legalmente presente, mas ao mesmo tempo ausente. O narrador não quer identificar-se ao personagem, e por isso há uma voz uma certa objetividade de relator. Mas quer fazer as vezes do personagem, de modo que, sem perder a própria identidade, sugere a dele. Resulta uma realidade honesta, sem subterfúgios nem iluminismo, mas que funciona com realidade possível. (CANDIDO, 2006, p. 50)

De acordo com Hermenegildo Bastos, a linguagem é definidora do ser humano como ser social. O professor explica que quando o personagem primitivo de *Vidas Secas* diz de si mesmo que é bicho, essa condição não decorre apenas da atrofia da faculdade da linguagem, mas da ausência de condições humanas, que se definem como humanas, pela linguagem (BASTOS, 1998, p. 51).

Para as correntes Marxistas (aqui ilustradas pelos textos de Candido e Bastos), a literatura é um instrumento capaz de captar a consciência do mundo e da sociedade. Ela, portanto, é uma forma de conhecimento e (re) conhecimento da realidade, isto é, a literatura é um recurso literário que permite uma visão questionadora, crítica e de confiança do mundo e do meio em que vivemos.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos veste-se da identidade de um narrador / personagem e de um personagem / autor, dando vida a personagens fictícios em relação à literatura, mas reais em se tratando do Brasil. No romance desmembrável, escrito há 80 anos, vemos o conflito de classes existentes entre Fabiano e aqueles que “podem mandar”, entre as minorias e os que têm autoridade, entre os dominados e os dominadores. O letramento, segundo Candido, ensina como a vida, “faz viver”. Nosso herói, entretanto, é um bruto, um ignorante que não tinha sido ensinado e que apenas “existe”. Sabemos que a Fabiano foi negado o acesso a meios de leitura e escrita. O personagem ignorante e marginalizado de *Vidas Secas* é um homem que sobrevive oprimido pelo meio físico e social que assola o sertão. Então, como pessoas em situação de vulnerabilidade social, invisíveis para o Estado, podem ser legitimadas como “homens”, se em sua formação são-lhes negados direitos fundamentais para a garantia de sobrevivência humana, como educação, moradia, alimentação, vestuário e o direito ao voto?

Fabiano tinha que trabalhar e pagar impostos como os demais cidadãos, mas não poderia usufruir dos mesmos direitos dos homens brancos porque era pobre. Fabiano, um homem miserável e trabalhador do campo, é vítima dos processos de urbanização que marginalizaram pessoas que migraram do campo para a cidade nos anos 1930, no Brasil. Assim como aconteceu com o pai, acontece com ele e acontecerá com os filhos, o sertanejo resistirá à fome, à miséria, às humilhações e aos abusos que pessoas de estruturas sociais dominadas resistem, subordinadas aos grupos dominadores. A literatura, portanto, produzida pelo *Mestre Graça* exerce ainda hoje o papel social de retratar e denunciar os problemas sociais do homem e do mundo. Sua escrita, dessa forma, condiciona o método de (re)conhecimento da realidade do Brasil da era Vargas e do Brasil de agora, O exercício de sua escrita tem como função de apresentar e (re)apresentar imagens e cenas que relatam e disseminam as violências sofridas pelas classes dominantes.

O romance *Vidas Secas*, de 1938, é um registro da reflexão e crítica do escritor à chamada “nobreza fundiária conservadora”. Bosi (1982) identifica que “tais classes dominantes eram formadas pelas burguesias industriais de São Paulo e Rio de Janeiro, por profissionais liberais e pelo exército”. Em outras palavras, em *Vidas Secas* as tais “classes dominantes” mencionadas por Bosi se fazem presentes no atual patrão de Fabiano e no soldado amarelo. Figuras de poder que configuram abusos na narrativa. Vimos ao longo deste trabalho que o conjunto de contos de *Vidas Secas* não apresenta discurso direto. Aos personagens rústicos de *Vidas Secas*, é quase impossível usar a linguagem – a ponto de estes se compararem a bichos.

As análises feitas nessa pesquisa mostram que é possível vincular as humilhações e as injustiças sofridas – em especial por Fabiano – à ausência de letramento. Essa ideia também é defendida, como demonstramos aqui, pelos professores Bastos e Candido nos seus respectivos estudos. Segundo eles, o acesso à literatura legitima o homem como ser vivo, consciente e crítico, uma vez que possibilita a racionalidade, assim como também estimula o indivíduo para a realidade. Dessa forma, a literatura tem o poder de confirmar o homem como ser social – e confirmar-lhe humanidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resistência. De acordo com o dicionário online do português essa palavra significa Sm.: ação ou efeito de resistir (...), aptidão para suportar dificuldades (fome, fadiga e esforço). Recusa de submissão a vontade de outrem; oposição e reação.¹

“E Fabiano, resistia pedindo a Deus um milagre” (RAMOS, 1986 [1938], p. 116). O herói de *Vidas Secas* resistiu durante toda a narrativa: ao chegar à cidade com Sinhá Vitória, os dois meninos e Baleia. Ao ser preso, humilhado e surrado pelo Soldado Amarelo. Ao ser roubado pelo atual chefe. Resistiu à fome e misérias do sertão. Resistiu a mais uma fuga, pois só restava a ele se jogar no mundo como um escravo fugitivo em busca de sobrevivência. Fabiano, principal personagem do romance desmontável escrito na década de 1930, resistiu ao tempo, assim como a obra engajada de Graciliano Ramos.

Graciliano conseguiu, em *Vidas Secas*, narrar uma realidade atemporal. O romance escrito há mais de 80 anos persiste até hoje nos imaginários escolares e na realidade miserável de várias pessoas em muitas partes do país. Por todo o Brasil, é possível encontrarmos fabianos e vitórias que resistem às mesmas mazelas enfrentadas pelos personagens pensados e escritos pelo *Mestre - Graça* ainda durante a ditadura de Vargas.

Esta pesquisa teve como intuito fazer uma (re)leitura distante daquelas feitas nos tempos do Ensino Básico e rememorar uma história que testemunha e denuncia os abusos cometidos por instâncias de poder – também chamadas de “elites simbólicas”. Pretendeu ainda relacionar os “abusos de poder” presentes em *Vidas Secas* com um outro tipo de violência: a violência via linguagem.

Sobre resistir à ignorância, causa de muitos conflitos enfrentados pela família narrada por Graciliano, a reflexão de Antonio Candido (1988), enfatiza o *poder* e a importância humanizadora que a literatura desempenha na vida do homem:

a luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de tais problemas (sociais), e chegando mais perto do tema eu lembraria que são bens incompreensíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompreensíveis certamente como à alimentação, à moradia, o vestuário, à instrução, à saúde, à liberdade individual, o amparo da justiça pública, à resistência à opressão etc. e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (CANDIDO, 1988, p. 173).

Neste excerto, Candido considera a Literatura tão fundamental ao ser humano que a compara aos Direitos Humanos. Candido afirma ainda que

¹ Fonte: <https://www.dicio.com.br/resistencia/> Acesso em 25 ago 2018

a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes surgem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. A respeito destes dois lados da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, nas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor, o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscrever. No âmbito da instrução escolar o livro chega a gerar conflitos, porque o seu efeito transcende as normas estabelecidas. Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção” (CANDIDO, 1988, p. 177-178).

Já nesse trecho referido, Candido fala sobre a influência ideológica que a literatura desempenha na vida do homem. Ao afirmar que a negação ao discurso é uma forma mais violenta de opressão a Fabiano, Candido diz que a Fabiano foram negados direitos humanos básicos. De acordo com o crítico, “a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. (...) Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 1988, p. 191). Em outras palavras, se a Fabiano fossem respeitados os direitos fundamentais presentes e assegurados pela Constituição, seu destino seria diferente. A verdade é que Fabiano faz parte de um extrato social excluído e miserável, à margem de uma sociedade individualista e egoísta. *Vidas Secas* é uma narrativa escrita há 80 anos, mas sua (re)leitura evidencia que nossos valores – bem como o respeito da sociedade brasileira às classes menos favorecidas – continuam os mesmos denunciados por Graciliano durante o fascismo tupiniquim da era Vargas. Se a Fabiano não fossem negados direitos básicos de cidadão, como o acesso à educação, à saúde e à dignidade, ele não teria sido o alvo e vítima dos abusos cometidos por grupos dominadores.

4 BIBLIOGRAFIA

BASTOS, H. **Memórias do Cárcere - Literatura e Testemunho**. Brasília: Editora UnB, 1998.

BOSI, A. **História concisa da Literatura Brasileira**. Niterói: Cultrix, 1982.

CANDIDO, A. O Direito à Literatura. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1988. p. 169-191.

CANDIDO, A. **Ficção e Confissão - Ensaio Sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem.. **Remate de Males**, Campinas, 2012.. Acesso em: 09 nov. 2018.

COMIN, C. D. L. Linguagem e Alteridade em Vidas Secas. **Revista de Letras**, Curitiba, 10, n. 23, 2016. 18-37.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. 56ª. ed. São Paulo: Record, 1986 [1938].

VAN DIJK, T. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2012.

VILLAÇA, A. Imagem de Fabiano. **Estudos Avançados**, São Paulo, 21, mai/ago 2007. 235-246.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000200019>. Acesso em: 20 ago 2018.